



Método e educação em John Locke

Por CHRISTIAN LINDBERG L. DO NASCIMENTO

christian.lindberg76@gmail.com

As discussões de ordem epistemológica geralmente repercutem nas questões metodológicas da educação. Discutir o método mais apropriado para a obtenção do conhecimento é um instrumento importante para pensar o ensino e, principalmente, o agir educacional. Muitos são os filósofos que contribuíram e tem colaborado com esta questão, entretanto, pensar o método como um fim em si mesmo, sem ter nenhuma preocupação moral não me parece condizente com o papel fundamental da educação, a saber, a formação moral dos indivíduos. Nesse sentido, buscar-se-á desenvolver uma argumentação que procure contribuir com a relação entre Epistemologia e Educação, tendo a discussão em torno da moral como fundamento essencial. Para tanto, o filósofo inglês John Locke é o recorte teórico escolhido para colaborar com a presente reflexão.

O livro *Da conduta do entendimento* foi escrito originalmente para ser o último capítulo da quarta edição do *Ensaio acerca do entendimento humano*, mas acabou virando um livro específico. Thomas Fowler (1909) destaca que a forma como Locke escreveu este tratado deixou a impressão de que ele não fez uma revisão final no texto, muito menos se preocupou em redigi-lo de forma estruturada. Essa obra surgiu através de uma carta que Locke escreveu para o amigo Peter King, na qual demonstra sua real intenção ao escrever esse tratado. A carta diz que o filósofo inglês pensou em um método que pudesse ser utilizado para confortar o entendimento na obtenção do conhecimento, a exemplo de uma receita que é prescrita pelo médico e dirigida ao paciente enfermo.

As interpretações desta obra são bem distintas. Paul Schuurman (2006, p.405) percebe que este tratado só foi considerado uma obra educativa a partir do século XIX. Até então a abordagem feita restringia-se ao campo epistemológico. Isto ocorreu porque a temática nele contida tem relação direta com o conceito de *ideia* encontrado no *Ensaio acerca do entendimento humano*. Baillon (2005) argumenta que *Da conduta do entendimento* é dividida em duas partes: a primeira diz respeito aos obstáculos que todos os homens têm para conhecer





a verdade; a segunda apresenta um programa de formação intelectual visando à libertação do espírito e à autonomia individual. Já John Yolton analisa de outra forma. Para este comentador:

O *Conducta* é um tratado sobre método, escrito em linguagem menos técnica que o *Ensaio*. Discorre sobre raciocínio, ideias, princípios, prática e desenvolvimento de hábitos de raciocínio, argumentos, leitura, palavras e muito mais. É uma obra útil de consulta para uma abordagem mais informal desses tópicos. (YOLTON, 1996, p.57)

Da conducta do entendimento foi redigida para orientar a educação dos jovens com idade para frequentar o ensino superior. Quem defende esta ideia é Lee Ward. Para este comentador, o fato de Locke tecer severas críticas ao ensino da lógica evidencia isso. Outro aspecto peculiar desta obra diz respeito ao método de leitura proposto pelo filósofo inglês. Segundo Ward (2010, p.198) “a base igualitária do método que Locke defende para a leitura dos textos, especialmente as Sagradas Escrituras, garante que todas as classes sociais possam ler.”

Diante do exposto, que reflexões Locke apresenta em *Da conducta do entendimento*? É possível extrair algumas: a crítica à educação vigente; o papel da religião na formação moral; a valorização do método para a obtenção da verdade; e, por fim, a importância da leitura para a educação. Antes, faz-se importante destacar que:

O último recurso que um homem tem para a condução de si mesmo é o próprio entendimento. [Deste modo] nenhum homem jamais se coloca diante de qualquer objeto sem um critério que sirva para o próprio raciocínio [...] As ideias e imagens existentes na mente humana são os poderes invisíveis que constantemente governam os seres humanos [...], portanto, é necessário que seja dada uma grande importância para o entendimento, a fim de que haja a condução verdadeira para o conhecimento. (LOCKE, 1996, p.167, grifo meu)

Como ficou observado, Locke atribui um papel importante para o entendimento em *Da conducta do entendimento*, a ponto de ele ser o guia para as ações humanas. No entanto, para Schuurman (2006, p.415), esta obra detecta as causas que conduzem o entendimento humano ao erro e aponta o método correto para que isto não mais ocorra. Segundo este comentador, há relação desta obra com a temática da educação, visto que é através da educação que o indivíduo formata o próprio entendimento.



É com a crítica que Locke faz ao ensino da lógica que sua discordância com a educação vigente aparece nessa obra. “A lógica, agora em uso, é apenas um método adotado para a arte de pensar, sendo adotada pelas Escolas como o único caminho para a mente estudar as artes e as ciências.” (LOCKE, 1996, p.167). Para ele, a lógica não é suficiente para guiar o entendimento, porque ela deixa a mente apenas cheia de ideias e não colabora com o verdadeiro intuito do entendimento – a reflexão. Deste modo, a refutação que Locke faz caracteriza-se pelo fato de que o ensino da lógica torna a criança uma pessoa erudita, pedante, não possibilitando que ela desenvolva o conhecimento.

Outro argumento utilizado por Locke na crítica que fez ao ensino da lógica resume-se ao fato de que o entendimento humano tem defeitos naturais, o que torna a capacidade individual de raciocinar distinta entre as diversas pessoas. Como diz o próprio Locke (1996, p.172, tradução minha): “A desigualdade deriva do diferente alcance do entendimento [...] que resulta das distintas formas de empregar a própria mente.” Conseqüentemente, os silogismos e as regras inerentes à lógica não surtem os mesmos efeitos em todos os indivíduos; pelo contrário, tendem a impactar de forma distinta em cada um. Deste modo, o conhecimento sempre será limitado e parcial.

É a partir desta crítica à educação vigente que Locke inicia uma cuidadosa e detalhada argumentação sobre o método. Assim, o estabelecimento de um método apropriado para conduzir o entendimento humano ao conhecimento verdadeiro é o outro pilar fundamental de *Da conduta do entendimento*. Lee Ward (2010) delinea que há uma relação entre a crítica à educação vigente e o método de ensino. Para este comentador, o ensino sistemático do silogismo prejudica o desenvolvimento cognitivo. Por isso, diz ele, Locke propõe que a educação colabore com o aperfeiçoamento do entendimento, a ponto de capacitar a mente humana a regular as próprias ações. É para a constituição de sujeitos autônomos¹ que o método educativo deve servir, conclui o comentador.

¹ Derivado da palavra grega *autonomía*, que significa o direito de dirigir-se e governar-se por suas próprias leis ou regras, o termo autônomo não aparece no vocabulário educativo de Locke. Autônomo é todo aquele que se rege por suas próprias leis, de forma independente. Na Modernidade o uso desse conceito aparece na filosofia kantiana, especialmente quando ele aborda o tema da educação. Não há elementos para afirmar ou negar uma



No entanto, é necessário impedir que as paixões conduzam o entendimento ao erro. Então, como prevenir-se? Paul Schuurman afirma que “o remédio favorito para corrigir o erro do entendimento é o exercício mental ou a prática.” (SCHUURMAN, 2006, p.412). O hábito, ocasionado pelo exercício repetitivo e gradual de uma determinada ação, conduz a mente a pensar de forma segura. Locke diz que (1996) todos nascem com as faculdades e os poderes necessários para pensar qualquer coisa, desde que estes poderes sejam capazes de estabelecer o hábito para o raciocínio correto. Desta maneira, o hábito converte-se no procedimento metódico para o correto funcionamento do entendimento humano, livrando-o do erro.

Mas o hábito, por si só, não garante o impedimento do erro. Esta ressalva diz respeito ao dogma religioso. Por ser considerado uma forma de hábito, o dogma religioso impede que o entendimento humano caia no erro? Locke vai dizer que não. Para ele, a religião pode enganar os indivíduos, já que ela é alicerçada em verdades não comprovadas. O dogma religioso ancora-se em uma crença, o que acaba colaborando para que o entendimento humano erre.²

Talvez isso explique por que Locke defende que as disposições naturais podem impulsionar a prática de um hábito, mesmo que seja de forma preliminar. As disposições naturais dão o primeiro impulso para a aquisição de um hábito. Ele pensa que a prática e o exercício direcionado são os melhores caminhos para a aquisição de um hábito, remodelando a disposição natural que, com o tempo, tende a desaparecer.

Além de citar a aptidão natural como fator impulsionador para a obtenção do hábito, o filósofo inglês diz que a memória cumpre o mesmo papel que o hábito. Isto se explica porque a memória é a capacidade que o indivíduo tem para reter a ideia no entendimento. Dessa maneira, a memória nada mais é do que o hábito exercido pelo próprio entendimento. Do ponto de vista educativo, a memória atua no ato de aprender, quando a criança exercita

eventual leitura kantiana feita por Lee Ward neste texto de Locke. O que se pode afirmar é que Locke, através de uma herança montaigneana, emprega o termo *governo de si* na sua reflexão filosófica da educação.

² Diferentemente do que foi visto nas outras obras educativas, *Da conduta do entendimento* apresenta uma perspectiva curiosa para o tema da religião. Se, por um lado, ela ganha um *status* de ciência através da Teologia, por outro, ela tende a conduzir o entendimento humano ao erro.



mentalmente os conhecimentos que lhe são ensinados, retendo as ideias transmitidas na própria mente.

Então, como proceder para não cair no erro? O primeiro passo é admitir que o entendimento humano é peculiar a cada indivíduo. Embora todos nasçam *tabula rasa*, o desenvolvimento cognitivo é desigual. Em seguida, submeter o entendimento à maior quantidade possível de experiências. No entanto, nenhum indivíduo será capaz de saber tudo sobre todas as coisas, porque o limite do conhecimento é regulado pelo tempo de vida de cada um. E o terceiro aspecto diz respeito ao encadeamento das ideias, a busca de um fundamento seguro e de um raciocínio nítido para entender os fatos. Para que este procedimento ocorra, é necessário o dispêndio de tempo e o ócio para quem aprende. Engana-se quem avalia que a aprendizagem sem erro é algo rápido, instantâneo. Este é o método que Locke recomenda para que haja o correto uso do entendimento humano, repercutindo na sua concepção educacional.

Todavia, da mesma forma que o método impede o erro do entendimento humano, ele deve permitir que o entendimento mantenha-se indiferente a todos os conhecimentos, a ponto de pô-los em suspensão. Este tipo de assertiva feita por Locke deixa a entender que há uma influência cética em *Da conduta do entendimento*, já que o método conduz o entendimento humano a agir corretamente, requerendo a suspensão de todos os conhecimentos obtidos. Assim, não há verdades absolutas, já que tudo que é aprendido e retido na mente deve ser objeto de questionamento. Mesmo dizendo que “o conhecimento verdadeiro consiste na descoberta da verdade ou na sua adesão, na concordância ou discordância, na percepção das ideias de forma visível ou provável, e como elas são afirmadas e negadas no entendimento” (LOCKE, 1996, p.219), Locke demonstra ser adepto dos fundamentos da ciência moderna, em que o método é a garantia para que o ceticismo metodológico não caia no erro do relativismo conceitual. Além disso, como bem registrou no *Ensaio acerca do entendimento humano*, não há ceticismo que possa pôr em questão a própria existência humana.

Existe uma preocupação do filósofo inglês em fugir do conhecimento dogmático e fortalecer o argumento de que o conhecimento não é universal, mas é peculiar a cada indivíduo. De igual modo, deve-se acostumar o entendimento humano a todo tipo de





conhecimento, desde que isso ajude o próprio desenvolvimento. Desse modo, a tarefa da educação não consiste em tornar os jovens conhecedores profundos da ciência, mas em lhes abrir a mente. O que Locke espera é que o método defendido por ele possa conduzir o entendimento humano a um propósito: preparar o jovem a escolher os conhecimentos que foram adquiridos livremente e avaliados como pertinentes para si. É para a liberdade de pensamento que o método deve servir.

Porém, há um princípio que deve reger o uso desta liberdade de pensamento. O entendimento precisa conhecer as regras da natureza e da sociabilidade. É neste contexto que Locke insere o tema da moral na *Da conduta do entendimento*. Como diz o próprio filósofo: “A norma principal para que cada um viva em sociedade é amar o próximo como a si mesmo.” (LOCKE, 1996, p. 233). É esta máxima cristã que deve regular a vida de todos em sociedade.

Para que isso ocorra, Locke desenvolve uma argumentação que valoriza o estudo da Bíblia, como também explica os atributos da Teologia. Partindo da premissa de que todos os homens se preocupam com a vida após a morte, o filósofo inglês afirma que o indivíduo questiona a si mesmo sobre a religião e o papel que ela exerce na vida de cada um. É a partir desta indagação que cada ser humano manifesta o próprio interesse em estudar a Bíblia. Aos poucos, o indivíduo percebe que a leitura das Sagradas Escrituras é muito fácil. Segundo Lee Ward (2010), o conhecimento da palavra revelada encoraja cada um a pensar sobre a moralidade e a salvação da forma mais nítida e racional possível. Assim, há uma implicação dos ensinamentos bíblicos na ação prática de cada indivíduo na sociedade, a ponto de a pessoa mais ignorante que existe poder regular as próprias ações com base na moral cristã. Por outro lado, *Conduta* considera que a Teologia é a ciência que contém o conhecimento de Deus, já que ela ensina os deveres que cada criatura deve ter com o Criador. Locke chega a afirmar que esta ciência permite a ampliação do conhecimento, pois permite o ensino do caminho da verdade, do amor e da caridade.

Para concluir, outras observações precisam ser feitas. A primeira diz respeito a uma frágil linearidade argumentativa nos livros educativos de Locke. Diz-se frágil porque o filósofo inglês não tem uma escrita linear, em que uma obra tem relação direta com a outra,





estabelecendo entre elas um constante movimento de complementaridade. Percebe-se um Locke defendendo um tipo de educação para os filhos dos pobres e outra para a prole dos ricos (nobres, burgueses). De igual modo, *Da conduta do entendimento* expõe que o conteúdo bíblico conduz o entendimento humano ao erro já que é fundamentado em dogmas. No *Alguns pensamentos concernentes à educação* Locke explica que as palavras contidas na Bíblia explicam tudo aquilo que não é matéria, dando ao indivíduo a noção de totalidade do conhecimento.

Por outro lado, usa-se o termo frágil porque há duas ideias que aparecem no conjunto dos textos educativos do autor do *Ensaio acerca do entendimento humano*. Uma delas é o tema da moral. Todos os escritos educativos de Locke apontam para a necessidade de estabelecer a formação moral da criança, tendo em vista uma sociedade correta. O ensino da História e a leitura da Bíblia servem para exemplificar tal postura. A outra ideia refere-se ao caráter de utilidade que os conteúdos educativos devem ter, manifestado quando ele aponta que se deve ensinar para a criança tudo aquilo que for útil para sua vida.

A segunda observação diz respeito ao tratamento distinto que Locke dá para a educação das crianças, tendo como pressuposto a condição moral e econômica que as famílias do infante possuem. Para as crianças que pertençam às classes sociais financeiramente bem-remuneradas – leia-se burguesia e nobreza – ele propõe conteúdos educativos que lhes permitam, futuramente, exercer cargos públicos, trabalhar em profissões liberais e administrar empreendimentos comerciais ou mercantis. Por outro lado, partindo da premissa de que a pobreza é um vício, a indicação dele para a educação das crianças pobres chega a ser, no mínimo, rude. Tendo o cuidado para não incorrer em anacronismo, o filósofo inglês deixa transparecer a existência de certo desprezo com esta camada social. Opta por manter o modelo vigente de educação para os pobres em vez de propor mudanças mais substanciais. Justifica-se esta análise porque, já no século XVII, havia propostas que



defendiam a universalização da educação, independentemente da classe social. Isto é posto por Lutero e por outros reformadores, como Comenius.³

No entanto, percebe-se que Locke procura equacionar o problema da mendicância e, ao mesmo tempo, encontrar uma solução para a educação vigente, dando a ela o caráter de utilidade para a vida futura do infante. Além disso, por causa de suas afinidades políticas, pode-se afirmar que Locke estabelece uma reflexão visando constituir, via educação, uma nova ordem social. Para tanto, quando a criança chegar à maioridade, todas as ações que praticar serão tidas como exemplo para os demais integrantes da sociedade: “A educação da nobreza e da burguesia trará consigo a educação de todos.” (ENGUIITA, 1986, p.16)

A terceira observação situa-se no uso da Bíblia como instrumento educativo. Além de ser útil para o letramento da criança e para o ensino de idiomas, o conteúdo das Sagradas Escrituras materializa a moralidade requerida para o infante. Locke percebe que o exemplo de Jesus Cristo e os ensinamentos legados por ele a seus discípulos são fundamentais para a formação moral. Neste ponto, o filósofo inglês revela toda a sua devoção a Deus e o seu vínculo ao calvinismo.

De igual modo, percebe-se uma forte relação da moral cristã que é ensinada para as crianças através da Bíblia e o projeto político defendido por Locke em *Dois tratados sobre o governo* e nas *Cartas sobre a tolerância*. Como ele defende uma sociedade pacífica e que tolere a diversidade religiosa, a união destes dois traços é fundamental para a manutenção da propriedade individual. Assim, há a comunhão da moral religiosa e o desenvolvimento econômico que, segundo Weber, contribuíram para o afloramento do sistema capitalista.

Esta defesa de que a moralidade é fundada com base nos pressupostos da moral cristã depõe contra a argumentação que Locke desenvolve no *Ensaio sobre a lei de natureza* e no *Ensaio acerca do entendimento humano*? Sabe-se que nestas obras o filósofo inglês rejeita a teoria das ideias inatas de Descartes. Também refuta a perspectiva que aponta que a moral é inata. Assim, o que se percebe é que a moral é racional, ou seja, é estabelecida através das

³ Comenius (1592-1670) chegou a ir para a Inglaterra, tendo feito inúmeras viagens para Londres. Manteve uma relação amigável com Samuel Hartlib, importante reformador educacional inglês.



ideias que são captadas pelos sentidos e construídas no entendimento humano através da reflexão. Ela, ainda, é racional porque visa controlar as paixões humanas, fazendo com que cada indivíduo aja isento de qualquer motivação passional.

A criança, ao nascer, não possui nenhuma ideia na própria mente e vai adquirindo-a à medida em que capta ideias do mundo exterior a ela; através do próprio entendimento, estabelece relações entre as ideias obtidas para constituir novas ideias. É assim que a mente humana é preenchida por ideias. Logo, como o conhecimento oriundo da Bíblia é externo ao infante, a moralidade cristã que lhe é ensinada torna-se o guia para a ação racional. Já os conteúdos científicos auxiliam o desenvolvimento do entendimento humano, além de serem úteis para a vida futura do infante. O amadurecimento cognitivo da criança a faz questionar quem criou o universo e tudo que ela vê. É assim que o infante conhece o poder de Deus na prática, enxerga-se como criatura e constitui a estima e o respeito que tem por Ele. Este desenvolvimento cognitivo da criança permite que ela, além de agir moralmente e de forma racional, compreenda o toque que Deus lhe deu no coração no ato da criação. Este é o impacto epistemológico na educação da criança, trazendo como consequência o agir racionalmente com base na moral cristã e o reconhecimento dos preceitos morais da lei de natureza.

Devemos ter especial cuidado para que as almas humanas não se tornem demasiado propensas ao prazer, ou sejam conquistadas pelos atrativos do corpo, ou extraviadas por maus exemplos que acontecem em todos os lugares, e assim façam pouco caso dos preceitos mais sadios da razão. Isso, defendem-no todos os que refletem um pouco sobre a educação das mentes dos jovens e que de fato desde cedo, naquela idade ainda tão juvenil, estabelecem as fundações das virtudes morais e fazem o possível para inculcar sentimentos de respeito e amor pela divindade, obediência a superiores, fidelidade ao manter promessas e falar a verdade, brandura e pureza de caráter, disposição amistosa e todas as outras virtudes. Como todos esses são preceitos da lei de natureza, não negamos que tais preceitos nos sejam transmitidos por outros. (LOCKE, 2007, p.113)

A forma como Locke aborda a questão do método e o impacto dele na educação é algo peculiar, sendo a educação moral da criança o ponto de chegada que o filósofo inglês estabelece. Embora o destino da reflexão educativa dele Locke aponte para a constituição de uma moral racional, percebe-se que a cristã é o fundamento desta racionalidade lockeana, cabendo ao método a via segura para que o infante percorra o caminho correto.





Referências

BAILLON, J.F. **Une philosophie de l'éducation: John Locke, *Some thoughts concerning education* (1693)**. Domont-FRA: Dupli-Print, 2005.

ENGUIITA, M.F. Prologo. In.: **Pensamientos sobre la educación**. Tradução Rafael Lasaleta. Madrid: AKAL, 1986. p.09-23.

FOWLER, T. **Locke**. London: Macmillan and Co. Limited, 1909.

LOCKE, J. **Cartas sobre a tolerância**: Tradução Anoar Aiex e E. Jacy Monteiro. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Os pensadores).

_____. **Dois tratados sobre o governo**. Tradução Julio Fischer. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Clássicos).

_____. **Ensaio acerca do entendimento humano**. Tradução Eduardo Abranches de Soveral. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999. 2v.

_____. **Ensaio sobre a lei de natureza**. In.: Ensaio políticos. Organizado por Mark Goldie. Tradução Eunice Ostrensky. São Paulo: Martins Fontes, 2007c. p.98-165.

_____. **Of the conduct of the understanding**. Edited, with introduction by Ruth W. Grant and Nathan Tarcov. Cambridge: Hackett Publishing Company Inc., 1996.

MICHAUD, Y. **Locke**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

SCHUURMAN, P. Locke's way of ideas as context for his theory of education in *Of the conduct of the understanding*. In.: ANSTEY, P. (ed.). **John Locke critical assessments of leading philosophers**. 5.ed. London: Routledge, 2006.

WARD, L. **John Locke and modern life**. 5.ed. New York: Cambridge University Press, 2010.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Tradução José Marcos de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

YOLTON, J. **Dicionário de Locke**. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

